

## MODELO PARA ELABORAÇÃO E FORMATAÇÃO DO ARTIGO COMPLETO – COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA (FONTE 14)

William Rafael Barbosa Machado <sup>1</sup>  
Adilson de Ângelo <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo apresenta e analisa o projeto de extensão cultural *Culturas da Infância: Crianças e brincantes ocupam a FAED*, desenvolvido no Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (Faed-Udesc), como uma experiência formativa, investigativa e cultural que toma as culturas da infância como eixo estruturante. Ancorado nos referenciais da Sociologia da Infância e em perspectivas críticas da educação, o projeto reconhece as crianças como sujeitos de direitos, produtoras de cultura e protagonistas de suas experiências, compreendendo o brincar como prática sociocultural, ética e formativa. A proposta organiza-se em três ações articuladas: (1) *Andanças: Brinquedos, Brincadeiras e Brincantes*, que realiza imersões culturais em comunidades indígenas, quilombolas e assentamentos da Reforma Agrária, com base em pesquisa etnográfica e intercâmbio de saberes; (2) *Oficinas Corpos Brincantes em Movimento*, voltadas à formação de educadores por meio de vivências com brinquedos cantados, jogos corporais e linguagens circenses; e (3) *Praça de Brinquedos e Brincadeiras*, que promove a ocupação lúdica de espaços universitários, aproximando crianças, educadores e comunidade. Metodologicamente, o projeto insere-se no campo da pesquisa-intervenção de abordagem qualitativa, fundamentada na participação, na escuta e na construção coletiva do conhecimento. Os resultados evidenciam a ampliação do repertório teórico-metodológico dos participantes, o fortalecimento de redes interinstitucionais, a valorização das culturas infantis e a produção de deslocamentos nas formas de conceber a universidade, que passa a se constituir como espaço de convivência, criação e experiência. Conclui-se que o projeto contribui para o fortalecimento da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, ao mesmo tempo em que afirma o brincar como direito, linguagem e prática central na formação humana. Ao promover a ocupação brincante da universidade, a iniciativa aponta para a construção de práticas educativas mais sensíveis, éticas e comprometidas com a pluralidade das infâncias e com a diversidade dos territórios.

**Palavras-chave:** Culturas da infância, Brincar, Extensão universitária, Formação de educadores, Ludicidade

### INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina - SC, [wrafaelbm@gmail.com](mailto:wrafaelbm@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Educação, pela Universidade do Porto - Portugal. Professor orientador - Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (Faed-Udesc), [adilsondeangelo@gmail.com](mailto:adilsondeangelo@gmail.com);



O projeto de extensão cultural *Culturas da Infância: Crianças e brincantes ocupam a Faed*, desenvolvido em parceria com a Brinquedoteca Universitária Larissa Alderighi, constitui-se como uma proposta que busca tensionar e ressignificar os paradigmas historicamente construídos em relação à infância, à cultura e ao brincar. Ao articular ensino, pesquisa e extensão, o projeto assume a cultura lúdica como eixo estruturante da formação humana, compreendendo-a não como dimensão acessória, mas como constitutiva dos processos educativos, sociais e culturais.

A compreensão de infância adotada neste trabalho insere-se no campo da Sociologia da Infância, que a reconhece como uma categoria social, histórica e geracional. Tal perspectiva desloca a criança de uma posição passiva, tradicionalmente atribuída pelas concepções adultocêntricas, para compreendê-la como sujeito ativo, produtor de cultura e participante das dinâmicas sociais. Nesse sentido, autores como Sarmiento (2005; 2007), Corsaro (1997) e James e Prout (1997) contribuem para a construção de um olhar que reconhece as crianças como agentes que interpretam, recriam e transformam o mundo social.

Ao considerar as culturas infantis como produções coletivas das crianças em suas interações, torna-se necessário reconhecer que o brincar ocupa lugar central nesses processos. Não se trata apenas de uma atividade espontânea ou recreativa, mas de uma prática social complexa, por meio da qual as crianças constroem significados, elaboram experiências e estabelecem relações com o mundo. Conforme Sarmiento (2004), a “fantasia do real” constitui elemento estruturante dessas culturas, permitindo que as crianças articulem imaginação e realidade na produção de sentidos.

Entretanto, apesar dos avanços teóricos, ainda se observa a persistência de concepções que desvalorizam o lúdico, associando-o à improdutividade ou à falta de seriedade. Tal perspectiva está ancorada em uma lógica social marcada pela centralidade da produtividade, do rendimento e do acúmulo, que tende a invisibilizar experiências sensíveis, corporais e culturais. Como apontam Ferreira et al. (2004), o lúdico é frequentemente reduzido a um lugar marginal, associado ao entretenimento ou ao tempo livre.



Em contraposição a essa lógica, autores como Paulo Freire (1992; 2023) e Ailton Krenak (2019; 2020) contribuem para a construção de uma perspectiva crítica, ao enfatizarem a dimensão ética, relacional e sensível da existência humana. Freire defende uma educação comprometida com a formação integral dos sujeitos, na qual o conhecimento se constrói na relação dialógica e na experiência vivida. Krenak, por sua vez, problematiza a desconexão entre humanidade e natureza, apontando para a necessidade de reconstrução de vínculos mais sensíveis e integrados com o mundo.

Nesse contexto, o brincar pode ser compreendido como prática ética, política e formativa, capaz de produzir deslocamentos nas formas de viver, aprender e se relacionar. Ao envolver o corpo, a imaginação, a cultura e a coletividade, o lúdico configura-se como um dispositivo de resistência às lógicas que fragmentam a experiência humana.

É nesse horizonte que o projeto se organiza, estruturando-se em três ações complementares:

- (1) *Andanças*, que promove o encontro com diferentes territórios e culturas;
- (2) *Oficinas*, que investem na formação de educadores;
- (3) *Praça*, que cria espaços de convivência e fruição cultural.

Ao propor a ocupação brincante da universidade, o projeto contribui para deslocar fronteiras institucionais, aproximando a educação superior das infâncias, das culturas populares e dos diferentes territórios sociais. Dessa forma, afirma-se como uma iniciativa que não apenas investiga ou intervém sobre a realidade, mas que se constitui como prática formativa, cultural e política.

## **METODOLOGIA**

O projeto caracteriza-se como uma pesquisa-intervenção de natureza qualitativa, ancorada em pressupostos da etnografia, da pesquisa participante e da extensão universitária



crítica. Parte-se do entendimento de que a produção de conhecimento se dá de forma situada, relacional e coletiva, envolvendo sujeitos, territórios e saberes diversos.

As três ações que compõem o projeto são concebidas de forma articulada, permitindo a circulação de experiências, saberes e práticas entre universidade e comunidade.

### **Ação 1 – Andanças: Brinquedos, Brincadeiras e Brincantes**

A ação fundamenta-se na pesquisa etnográfica, buscando compreender as práticas lúdicas em seus contextos socioculturais. As imersões em comunidades indígenas, quilombolas e assentamentos da Reforma Agrária são realizadas a partir de princípios éticos de escuta, respeito e diálogo intercultural.

Os procedimentos metodológicos incluem:

- i. Observação participante;
- ii. Entrevistas abertas e narrativas;
- iii. Registros audiovisuais;
- iv. Produção de diários de campo reflexivos.

Além da coleta de dados, a ação envolve a realização de oficinas de intercâmbio cultural, nas quais os saberes são compartilhados entre comunidade e universidade. Esse movimento rompe com a lógica extrativista da pesquisa, valorizando a reciprocidade e a coautoria.

### **Ação 2 – Oficinas Corpos Brincantes em Movimento**

As oficinas configuram-se como espaços de formação continuada, fundamentados na aprendizagem experiencial. A proposta metodológica privilegia o corpo como dimensão central do processo formativo, articulando expressão, sensibilidade e reflexão crítica.

As atividades incluem:

- v. Vivências com brinquedos cantados;
- vi. Práticas de jogos corporais;
- vii. Experimentações com linguagens circenses;
- viii. Rodas de conversa e reflexão coletiva.



A organização em pequenos grupos favorece a participação ativa e a construção compartilhada de conhecimentos, contribuindo para a ressignificação das práticas pedagógicas dos participantes.

### **Ação 3 – Praça de Brinquedos e Brincadeiras**

A Praça constitui-se como dispositivo pedagógico e cultural, promovendo a ocupação dos espaços universitários por práticas lúdicas. Sua organização envolve processos coletivos de planejamento, curadoria e criação de materiais.

As atividades são estruturadas de modo a possibilitar:

- i. Brincadeiras livres e orientadas;
- ii. Interação intergeracional;
- iii. Experimentação com diferentes materialidades;
- iv. Vivências culturais diversas.

A Praça opera como espaço de encontro entre universidade e comunidade, tensionando as formas tradicionais de uso do espaço acadêmico.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os resultados do projeto evidenciam seu caráter processual, relacional e situado, bem como sua potência formativa, cultural e política no âmbito da articulação entre universidade e sociedade. Ao longo de 2025, as ações desenvolvidas não apenas indicam avanços na consolidação da proposta, mas também revelam a complexidade dos processos implicados na construção de experiências que integram ensino, pesquisa e extensão a partir das culturas da infância.

A participação expressiva de crianças, educadores, estudantes e membros da comunidade configura-se como um dos elementos centrais de análise. Mais do que um dado quantitativo, tal participação indica a constituição de espaços-tempos de encontro nos quais diferentes sujeitos, pertencentes a distintos contextos sociais e culturais, compartilham práticas, saberes e modos de existência. Esses encontros produzem deslocamentos



importantes, na medida em que tensionam hierarquias tradicionais de saber, colocando em diálogo conhecimentos acadêmicos e saberes populares, infantis e comunitários.

No âmbito da formação de educadores, observa-se uma ampliação significativa do repertório teórico-metodológico dos participantes, especialmente no que se refere à compreensão do brincar como prática pedagógica complexa e culturalmente situada. As oficinas desenvolvidas não se restringem à transmissão de técnicas ou repertórios lúdicos, mas configuram-se como dispositivos formativos que promovem a problematização de concepções arraigadas sobre infância, corpo, cultura e aprendizagem. Nesse sentido, os relatos e devolutivas dos participantes indicam processos de deslocamento de uma perspectiva instrumental do brincar, frequentemente associada a estratégias didáticas, para uma compreensão que o reconhece como linguagem, experiência e direito das crianças.

A Ação 1 – *Andanças: Brinquedos, Brincadeiras e Brincantes*, ainda em fase inicial de implementação, já aponta para a construção de vínculos de confiança com as comunidades envolvidas, aspecto fundamental para o desenvolvimento de pesquisas eticamente comprometidas e metodologicamente consistentes. O diálogo intercultural que se estabelece nesse processo evidencia não apenas a diversidade das práticas lúdicas, mas também a necessidade de revisão de posturas investigativas que, historicamente, se estruturam a partir de lógicas extrativistas. Ao privilegiar a escuta, a reciprocidade e a participação, a ação contribui para a construção de uma perspectiva de pesquisa que reconhece os sujeitos como coautores do conhecimento produzido.

A Ação 3 – *Praça de Brinquedos e Brincadeiras* – destaca-se como um espaço privilegiado de experimentação pedagógica e cultural. A ocupação da universidade por crianças, por meio de práticas lúdicas, produz deslocamentos que extrapolam o plano simbólico, incidindo diretamente sobre as formas de organização e uso do espaço acadêmico. Ao instaurar outras temporalidades, marcadas pelo brincar, pela interação e pela imprevisibilidade, a presença das crianças tensiona a lógica disciplinar e produtivista que frequentemente orienta a vida universitária. Nesse contexto, a universidade passa a constituir-



se, ainda que provisoriamente, como território de convivência, criação e experiência, no qual diferentes formas de conhecimento e expressão coexistem.

Do ponto de vista teórico, os resultados dialogam diretamente com os pressupostos da Sociologia da Infância, ao evidenciar as crianças como sujeitos sociais ativos, capazes de produzir cultura, negociar sentidos e participar da vida coletiva. Ao mesmo tempo, articulam-se com perspectivas críticas da educação, ao afirmar o brincar como prática formativa, ética e política, que envolve dimensões corporais, afetivas, simbólicas e sociais. Tal articulação permite compreender o projeto não apenas como uma intervenção pedagógica, mas como um dispositivo de produção de conhecimento que tensiona fronteiras disciplinares e institucionais.

De forma transversal, observa-se que o projeto contribui para o fortalecimento da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, não apenas como diretriz normativa, mas como prática efetiva. As ações desenvolvidas evidenciam que a produção de conhecimento pode (e deve) estar profundamente articulada às demandas sociais, aos territórios e às culturas, promovendo processos formativos mais contextualizados e socialmente implicados. Nesse sentido, o projeto reafirma a extensão universitária como espaço privilegiado de interlocução entre universidade e sociedade, no qual se produzem aprendizagens que ultrapassam os limites da sala de aula e se inscrevem na experiência vivida.

Por fim, os resultados indicam que a centralidade atribuída ao brincar no âmbito do projeto não apenas amplia as possibilidades pedagógicas, mas também contribui para a construção de outras formas de relação com o conhecimento, com o outro e com o mundo. Ao deslocar o brincar de um lugar marginal para uma posição estruturante, o projeto afirma sua potência como prática que produz sentidos, vínculos e transformações, tanto no plano individual quanto coletivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto *Culturas da Infância: Crianças e brincantes ocupam a Faed* inscreve-se como um gesto coletivo de deslocamento epistemológico, político e sensível, frente às formas



hegemônicas de pensar a infância, a educação e a própria universidade. Ao afirmar o brincar como linguagem, direito e experiência constitutiva da existência humana, o projeto tensiona lógicas utilitaristas e produtivistas, abrindo frestas para outras formas de viver, aprender e estar no mundo.

Ao longo de seu desenvolvimento, as ações aqui apresentadas evidenciam que a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão não se reduz a um princípio institucional, mas se materializa como prática viva, encarnada em corpos, encontros, gestos e experiências compartilhadas. Nesse percurso, crianças, estudantes, educadores e comunidades não apenas participam, mas co-criam territórios de sentido, nos quais o brincar emerge como potência formativa, ética e política.

A presença das crianças na universidade (correndo, inventando, cantando, ocupando) produz deslocamentos que não são apenas espaciais, mas também simbólicos. Seus corpos brincantes desorganizam a rigidez dos tempos e dos espaços acadêmicos, instaurando outras temporalidades, outras escutas, outras formas de conhecimento. Nesse movimento, a universidade deixa de ser apenas lugar de produção formal de saberes e passa a constituir-se como território de convivência, de criação e de partilha.

Do ponto de vista metodológico, o projeto reafirma a importância de uma ciência implicada, que escuta, que se envolve, que se deixa afetar. As experiências de imersão cultural e de formação evidenciam que conhecer não é capturar o outro, mas encontrar-se com ele — em sua alteridade, em seus modos de existir, em suas formas de brincar e de produzir cultura. Trata-se, portanto, de uma produção de conhecimento que se faz com, e não sobre, os sujeitos.

Ao mesmo tempo, os desafios enfrentados no percurso (sejam eles burocráticos, institucionais, operacionais) revelam as tensões próprias de quem busca inventar outras formas de fazer universidade. Longe de se constituírem apenas como obstáculos, tais desafios convocam à reinvenção contínua, exigindo práticas coletivas, sensíveis e criativas que sustentem a existência do projeto.



Há, ainda, uma dimensão que atravessa este trabalho e que não se esgota nos marcos tradicionais da escrita acadêmica: a compreensão de que não existimos de forma isolada. Somos constituídos por relações, por encontros, por histórias que nos antecedem e nos atravessam. Nesse sentido, os processos vivenciados no projeto são também tecidos por vínculos com professores, colegas, estudantes, comunidades, que, ao compartilharem experiências e afetos, tornam possível a construção de espaços outros dentro da universidade.

Reconhecer tais vínculos é também reconhecer que o brincar, longe de ser uma atividade menor, pode configurar-se como um ato profundamente político, como uma forma de resistência em uma sociedade marcada pela aceleração, pela produtividade e pela fragmentação da experiência. Brincar, nesse contexto, é criar brechas, é reinventar sentidos, é recolocar o corpo, a imaginação e a coletividade no centro da vida.

Do mesmo modo, afirmar a universidade pública como espaço de formação, criação e possibilidade implica reconhecer suas contradições e, simultaneamente, sua potência. É nesse território, atravessado por desafios e disputas, que se abrem caminhos para experiências que transformam não apenas percursos acadêmicos, mas modos de existir.

Por fim, este projeto também se ancora em dimensões mais profundas da experiência humana, que dizem respeito à memória, à ancestralidade e à ética que nos constitui. Ao reconhecer essas dimensões, afirma-se uma perspectiva de educação que ultrapassa normatividades e moralismos, conectando-se a uma ética da vida, da relação e da continuidade.

Assim, entre andanças e praças brincantes, o que se constrói não é apenas um conjunto de ações, mas um modo de habitar a universidade e o mundo. Um modo que insiste em afirmar que brincar é coisa séria; séria, não porque se opõe à seriedade, mas porque a reinventa. Um modo que aposta que, ao ocuparmos coletivamente os espaços com nossas infâncias, nossas culturas e nossos corpos, podemos produzir outros futuros possíveis.

## REFERÊNCIAS



CORSARO, William A. Sociologia da infância. Porto Alegre: Artmed, 1997.

FERREIRA, A. F., *et AL*. O lúdico nos adultos: um estudo exploratório nos frequentadores do CEPE-Natal/RN. *Holos*, Natal, ano 20, p. 01-07, out. 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 76ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SARMENTO, Manuel J. *As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação*. Porto: Asa, 2004. p. 9-34, 2004

SARMENTO, Manuel J. *Crianças: educação, culturas e cidadania activa. Refletindo em torno de uma proposta de trabalho*. *Perspectiva*, Florianópolis: UFSC, v. 23, n. 1, p. 17-40, 2005.

SARMENTO, Manuel J. *Visibilidade social e estudo da infância*. In: VAS-CONCELOS, V.M.R.; SARMENTO, M.J. (Org.). *Infância (in)visível*. Arara-quara: J&M Martins, 2007.

PROUT, A.; JAMES, A. *A New paradigm for the sociology of childhood? Provenance, promise and problems*. In: JAMES, A.; PROUT, A. *Constructing and reconstructing childhood*. London: Falmer, 1997. p.7-33.

